

A igreja em um mundo em convulsão

O séc. XIX foi marcado por uma incrível expansão missionária e no final deste século havia um sentimento de otimismo geral no Ocidente com relação aos rumos da humanidade. Em especial, a Europa e os EUA se viam como os responsáveis por levar para o resto do mundo os benefícios da industrialização, da democracia e da fé cristã. Talvez em grande parte devido a esse otimismo, a Teologia Liberal avançava cada vez mais em sua construção de uma religião universal, centrada no homem e nas suas capacidades, tendo o Evangelho como uma ética de fraternidade a ser seguida e Deus como um símbolo presente no coração do homem.¹ Com o intenso e grandioso trabalho missionário do séc. XVIII e XIX, no início do séc. XX haviam comunidades cristãs ao longo de todo o globo. Sobretudo, havia também uma relativa paz na Europa no séc. XIX pois as potências europeias estavam focadas na tarefa de conquistar terras distantes no período neo-colonialista. Contudo, essa falsa paz não duraria muito e os horrores da guerra mudariam o espírito do Ocidente no início do séc. XX de um claro otimismo para a dúvida seguida de pessimismo.²

As duas Grandes Guerras do início do séc. XIX causariam uma mudança profunda nos destinos da humanidade, em especial na mente do homem ocidental. A Primeira Grande Guerra (1914-1918) iniciou na região dos Bálcãs e envolveu a Tríplice Entente (Imp. Britânico, França, Imp. Russo e EUA a partir de 1917) e a Tríplice Aliança (Imp. Alemão, Imp. Austro-Húngaro e Imp. Otomano). Como todos os países envolvidos tinham conquistado diversas colônias ao longo do globo, estas colônias foram imediatamente mergulhadas no conflito no qual cerca de 70 nações se envolveram.

É difícil até imaginar o impacto dessa guerra para a história, mas vamos destacar em primeiro lugar o surgimento da União Soviética. Olhando pelo aspecto geopolítico, os territórios da Europa e do Oriente Médio foram drasticamente redesenhados ao fim da guerra. Além disso, a derrota da Rússia abriu caminho para a Revolução Russa na qual o Czar Nicolau II foi derrubado em 1917 pelo Partido Bolchevique liderado por Vladimir Lênin, dando início a União Soviética, o grande bloco socialista que existiria até 1911, marcando todo o séc. XX com a divisão do mundo entre o bloco capitalista e o bloco comunista. Assim que Lênin assumiu o poder, iniciou prontamente o programa de reorganização social com a estatização da terra, propriedades e bancos, confiscando inclusive os bens da Igreja Ortodoxa. Logo as forças contrarrevolucionárias se articularam, incluindo a igreja, e quando o Partido Vermelho esmagou o levante a igreja foi considerada um inimigo mortal do comunismo, que passou a perseguir e abafar o cristianismo, fechando todos os seminários, proibindo o ensino religioso e empreendendo medidas drásticas para divulgar o ateísmo na União Soviética.

O embate entre o capitalismo representado pela OTAN que foi encabeçada pelos EUA e o comunismo representado pela Pacto de Varsóvia encabeçado pela Rússia durante o período de Guerra Fria teve um considerável impacto na igreja cristã do séc. XX. Por um lado a perseguição aos cristãos no bloco comunista fez com que se criasse uma associação entre comunismo/ateísmo e capitalismo/cristianismo em muitas mentes. Dessa forma a Igreja Católica posicionou-se contra o comunismo e o mesmo movimento foi feito por diversos ramos do protestantismo. Por outro lado diversos teólogos se esforçaram por relacionar as ideias de Marx a fé cristã, entre eles os teólogos que propagaram a chamada “Teologia da Libertação”. A Teologia da Libertação relê o Evangelho por meio dos temas do marxismo europeu e afirma que as Escrituras são a história de Deus agindo a favor dos pobres e oprimidos trabalhando para sua libertação e que, portanto, a tarefa da igreja seria a mesma, agindo em favor dos pobres e oprimidos por meio de ativismo político e ação social como forma de engajamento na agenda de libertação do próprio Deus. Contando com nomes como Gustavo Gutiérrez (1928-), Leonardo Boff (1938-) e Bispo Hélder Câmara (1909-1999), a Teologia da Libertação foi especialmente um movimento latino.

Em segundo lugar, a Primeira Grande Guerra teve um considerável impacto sobre a Igreja Católica. No final do séc. XVIII a Igreja Católica perdeu seus estados papais para a Itália, perdendo considerável território. Além disso, o fato de que as potências europeias se negaram a receber a mediação de paz as vésperas da Primeira Guerra indicavam que havia um claro declínio do poder papal. Durante o conflito Roma manteve-se neutra, e quando a guerra acabou o Papa foi excluído das negociações de paz. Tudo isso sinalizou que a recusa da Igreja Católica em dialogar com a modernidade tinha levado a igreja a uma posição cada vez mais periférica, o que se tornou o espírito do Concílio Vaticano II (1962-1965), convocado por João XXIII. Este Concílio mudou a postura da Igreja Católica para com a modernidade, em especial na preocupação com os pobres, a renovação litúrgica que possibilitou o uso da língua nativa na missa, os protestantes passaram a ser considerados “irmãos separados” e abriu-se um espaço para a atuação dos leigos na igreja. De fato, o Concílio Vaticano II alterou enormemente o rumo da igreja católica e cumpriu sua missão de construir uma ponte entre a igreja e a modernidade, inclusive abrindo espaço em suas reuniões para teólogos protestantes, como Karl Barth.

¹ CAIRNS, Earle Edwin. O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã. Sociedade Religiosa. São Paulo: Edições Vida Nova, 1988, p.409

² GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.495-578

Em terceiro lugar, a Primeira Grande Guerra deu ocasião a uma profunda decepção com teologia liberal, que era tão otimista com relação ao homem e suas capacidades. Basicamente a guerra era uma contestação insuperável das crenças da teologia liberal na bondade inata do homem e em sua capacidade de, por meio da ciência e da tecnologia, de construir uma sociedade perfeita. Assim, Nathan Söderblom (1866-1931), arcebispo luterano de Uppsala, começou com outros teólogos a reler os escritos de Lutero em busca de respostas que fosse uma alternativa a Teologia Liberal. Contudo, o grande articulador de uma resposta foi o suíço Karl Barth (1886-1968). Filho de pastor reformado suíço, Barth foi formado na melhor teologia liberal de seu tempo para ser pastor em Genebra e posteriormente em Safenwill, uma paróquia de camponeses e operários. Barth tornou-se engajado em uma militância político-social pois cria no sonho liberal de construção de uma sociedade perfeita quando a guerra estourou e lançou por terra as ideias liberais. Essa crise levou Barth de volta às Escrituras em 1916, especificamente a Epístola de Romanos, sobre a qual lançaria um comentário “A carta aos romanos” em 1919 a qual atacou com ferocidade a teologia liberal e que viria a se tornar a grande obra da neo-ortodoxia do séc. XX. Barth reafirmou as doutrinas mais ortodoxas da fé cristã, embora algumas com vieses modernos: Jesus como Deus encarnado, a Palavra de Deus como base da teologia e com autoridade suprema, o encontro entre Deus e homem em Cristo, a iluminação do Espírito Santo que revela Jesus Cristo. Além de Barth, outros teólogos considerados neo-ortodoxos são H. Emil Brunner (1889-1966), Paul Tillich (1886-1965), Reinhold Niebuhr (1892-1971) e Richard Niebuhr (1894-1962).

Em quarto lugar, a Primeira Grande Guerra deixou o cenário pronto para a Segunda Grande Guerra. Ao fim da Primeira Grande Guerra, no Tratado de Versalhes a Alemanha foi considerada a única culpada pelo confronto e sofreu pesadas sanções e perdeu vastos territórios, preparando o caminho para o discurso triunfalista de superioridade do partido nazista encabeçado por Adolf Hitler, o que viria justamente a ser a grande causa da Segunda Grande Guerra (1939-1945) que envolveu praticamente todo o globo e se tornou o maior conflito armado da história encabeçado pelos Aliados (URSS, USA, Imp. Britânica e China) e o Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Os estadunidenses foram mergulhados na guerra após o ataque japonês a Pearl Harbor (1941) e protagonizaram o lançamento de duas bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki em 1945, lançando sobre todo o globo a sombra negra de uma possível guerra nuclear que daria fim ao planeta. A Segunda Grande Guerra causou um enorme impacto nas mentes do ocidente, sobretudo porque o otimismo que havia a respeito do papel da Europa e dos EUA de levar os benefícios da industrialização, da democracia e da fé cristã ao resto do mundo acabou caindo em dúvida e posteriormente em descrédito, pois o neo-colonialismo formou uma rede que mergulhou o mundo em uma guerra de proporções nunca antes vista, contabilizando cerca de 50 milhões de mortos na Segunda Guerra e números estatísticos espantosos. Além disso, a Segunda Grande Guerra mostrou o pior do ser humano nos estados totalitaristas europeus, em especial o nazismo, que protagonizou a limpeza étnica mais bárbara, cruel e avassaladora da história ao aniquilar intencionalmente cerca de 6 milhões de judeus.

As duas Grandes Guerras aliadas aos 20 milhões de mortos pela gripe espanhola na Europa e aproximadamente 100 milhões em todo o mundo foram um duríssimo golpe no sonho otimista de um futuro de paz trazido pela ciência, pelo progresso científico e por um ideal de um ser humano capaz por si mesmo de consertar o mundo e trazer a paz. Os anseios modernos ruíram repentinamente, deixando atrás de si um rastro de pessimismo e vazio.

A Segunda Grande Guerra foi a ocasião na qual o protestantismo se posicionou de maneira heroica. Quando o discurso nazista de uma raça pura e perfeita começou a tomar corpo, encontrou logo semelhança com o liberalismo teológico e sua crença no ser humano. Logo Hitler iniciou um programa de unificação das igrejas da Alemanha que se deu em 1933, na Igreja Evangélica Alemã Unida, que dera as mãos a Hitler. A cruz e a suástica estavam lado a lado em muitas igrejas e os púlpitos ecoavam a mensagem de uma raça alemã destinada a levar o mundo a um futuro melhor. Nem todos viam as coisas pelo mesmo prisma, e Karl Barth utilizou a influência que possuía para reunir entre 29 e 31 de maio de 1934 o Sínodo de Barmen, composto de igrejas luteranas, reformadas e unidas para professar uma declaração de fé preparada por Barth e Hans Asmussen (1898-1968). A Declaração de Barmen foi um protesto contra o nazismo, afirmando a autoridade única e exclusiva de Jesus Cristo sobre a igreja que conseguiu reunir quase 7 mil pastores em uma voz unificada contra o nazismo e a Declaração Teológica de Barmen se tornou o mais importante documento de espírito protestante desde da Reforma do séc. XVI.³

Neste período não faltaram cristãos prontos a dar testemunho com sua vida, como Martin Niemöller (1892-1984), pastor luterano que resistiu ao nazismo e foi enviado para campos de concentração. Paul Schneider (1897-1939) após pregar contra o nazismo foi morto em 1939. O Bispo Clemens von Galen (1878-1946) também se opôs a Hitler e 24 sacerdotes e 18 fiéis de sua diocese foram enviados para o campo de concentração. Maximilian Kolbe (1894-1945) abrigou 2 mil judeus em seu mosteiro e foi executado. O mais conhecido mártir cristão desse período foi Dietrich Bonhoeffer (1906-1945). Bonhoeffer estava em Londres quando foi convidado a retornar a Alemanha para envolver-se na resistência ao nazismo, aceitando o convite que pôs em risco sua vida. Bonhoeffer protestou diante das primeiras leis antissemitas, foi perseguido pela Gestapo, em 1939 uniu-se a resistência militar contra Hitler e envolveu-se diretamente na Operação Valquíria. Neste período Bonhoeffer escreveu “Discipulado” (1937) e “Vida em Comunidade” (1939), afirmando que a graça não deve ser barateada e que todo discípulo deve seguir a Jesus Cristo, em especial quando é preciso segui-lo no martírio.

³ FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p.255